



O CÉU HABITADO: A VIAGEM À LUA E A VIAGEM AO SOL DE CYRANO DE BERGERAC NO SÉCULO XVII

KELLY CAROLINE APPELT¹

Cyrano de Bergerac (1619-1655) ficou conhecido pelo título e a personagem que encena a obra de Edmond de Rostand do século XIX, mas aqui ele é estudado enquanto escritor francês e libertino do século XVII. Dentre as suas obras, as mais conhecidas são a *Viagem à Lua* e a *Viagem ao Sol*, que foram publicadas postumamente por Le Bret amigo do autor, nos anos de 1657 e 1662.² Essas são as fontes aqui analisadas e com o objetivo de identificar os seus aspectos críticos, precisamente, em relação à sociedade que o autor viveu mediante um possível embate entre a ciência e a religião, devido o enfoque em questões científicas dadas pelo autor.³ É importante ressaltar que as obras expressam aspectos utópicos, mesclados com a narrativa de viagem e privilegiam uma lógica de inversão de mundo, somadas ao toque fantástico e cômico referentes ao estilo literário do autor. Essas características sugerem a origem libertina de Cyrano de Bergerac e as suas inquietações perante a sociedade francesa do século XVII.

O contexto em que as obras foram escritas é de intensas discussões a respeito da existência do mundo, das descobertas e experimentos científicos – em meio a Revolução Científica que se estende do século XVI ao XVIII – e da expectativa da pluralidade de mundos para além do planeta Terra. No âmbito político e religioso, há a intensificação dos poderes do Estado e da Igreja, que vão se centrar na indução de pensamentos e ações específicas aos sujeitos e na vigia dos seus corpos e almas (MUCHEMBLED, ano). Aliado a esse momento de recrudescimento da ordem, devido ao abalo ocasionado pelas guerras de

¹ Mestranda do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Paraná, bolsista CAPES DS.

² Cyrano de Bergerac também foi autor de outras obras como: *Le pédant joué* (1637) e *La mort d'Agrippine* (1654).

³ As edições em português investigadas aqui são: CYRANO DE BERGERAC, Savinien de. *Viagem aos Impérios do Sol e da Lua*. Tradução José Maria Machado. São Paulo: Edição Clube do Livro, 1955; CYRANO DE BERGERAC, Savinien de. *Viagem à Lua*. Tradução Fulvia M. L. Moretto. São Paulo: Globo, 2007. No mestrado, somadas as edições em português, utilizo quatro edições em francês. Ver: CYRANO DE BERGERAC, Savinien de, LE BRET, Henry. *Histoire comique: contenant les états et empires de la Lune* par M. Cyrano de Bergerac. Paris: Éditeur Charles de Sercy, 1657; CYRANO DE BERGERAC, Savinien de. *Les nouvelles oeuvres de Monsieur de Cyrano de Bergerac: contenant l'histoire comique des états & empires du Soleil*. Paris: Chez Charles de Sercy, 1662; CYRANO DE BERGERAC, Savinien de. *Histoire comique des états et empires de la Lune et du Soleil*. Paris: Adolphe Delahays, Libraire-Éditeur, 1858; CYRANO DE BERGERAC, Savinien de. *Histoire comique des états et empires de la Lune et du Soleil*. Paris: Libraire CH. Delagrave, 1886.

religião, se tem a marcha do processo civilizador e o discurso pessimista e culpabilizador dos indivíduos (DELUMEAU, 2003). Outro aspecto pertinente a esse momento é que no âmbito literário, nos círculos eruditos dos libertinos, é onde esses livre-pensadores estarão refletindo sobre a efervescência das ideias científicas ou colocando em dúvida os dogmas reforçados pela instituição religiosa e política da época, através de suas reuniões ou na redação de seus manuscritos.

A *Viagem à Lua* e a *Viagem ao Sol* são obras que tratam de viagens extraterrestres para os mundos da Lua e do Sol. Elas contêm as descrições dos percursos, os dilemas enfrentados pelo viajante narrador durante o empreendimento da viagem e as particularidades daqueles outros mundos. As características sociais e culturais lá encontrados são os aspectos enfocados nas obras que são percebidas enquanto avessas e em contraposição aos costumes terráqueos.

A obra *Viagem à Lua* se divide primeiro, em um momento onde o viajante demonstra seu anseio em conhecer a Lua – que é reforçada pela aparição estranha dos livros de Cardan (1501-1576) na casa do viajante –, idealiza mecanismos científicos para subir aos céus – como amarrar frascos de orvalhos ao redor de seu corpo para conseguir levitar e elevar-se as nuvens – e constrói máquinas espaciais.⁴ Esse momento inicial da obra, ainda contém os detalhes do caminho feito pelo viajante, onde ele relata os seus sentimentos mediante a viagem espacial e os descreve fisicamente e a sua parada na Nova França, que corresponderia ao Canadá. Em um segundo momento, através da viagem com as máquinas, chega ao paraíso terrestre que estaria localizado na Lua. No paraíso, encontra a fonte da juventude e as árvores da Ciência e da Vida. Nesses dois momentos, o viajante encontra com os habitantes locais e inicia diálogos a respeito de assuntos científicos, sobre a origem do mundo, da biologia da terra, dos seres humanos e das características daquela localidade. A terceira parte da obra se concentra na chegada e descrição do mundo lunar. Lá encontra uma espécie de grandes bichos-homens que andam de quatro patas, que não possuem medo da morte e ao contrário, parecem encará-la com alegria, onde o povo se comunica através dos gestos corporais e os sujeitos considerados de uma classe superior se comunicam por meio da música. Lá no mundo lunar, as guerras, quando ocorrem, são baseadas na igualdade e é o local onde se deve respeito às pessoas mais novas em detrimento das mais velhas. Assim como nos outros

⁴ O livro de Cardan é *De la subtilité et subtiles inventions* datado de 1556.

lugares, por onde o viajante passou antes de chegar ao satélite, ele, a personagem principal, possui um interlocutor que o descreve os hábitos do local, no caso da Lua quem o recebe é o demônio de Sócrates, ser estrangeiro oriundo do mundo do Sol. A recepção do viajante pelo estado lunar não é das mais amistosas, e baseado na sua fisionomia, o consideram a fêmea do animal da rainha e, por isso, ao longo da trama ocorrem julgamentos em tribunal para decidir a sua natureza, sendo considerado um papagaio depenado, uma avestruz e até, enfim, ser considerado humano.

Na *Viagem ao Sol*, o autor, na primeira parte da obra descreve os infortúnios do viajante que acaba enclausurado em uma prisão na região da Gasconha, ao visitar seu primo Colignac. E, depois de ser agraciado com uma espécie de prisão domiciliar junta seu conhecimento para a construção de uma máquina espacial que lhe leva, por acaso, aos céus, ou melhor, para o mundo do Sol. A segunda parte da obra se concentra no percurso do deslocamento espacial, seguindo um modelo parecido com a *Viagem à Lua*, onde o viajante se debruça em descrever suas primeiras impressões físicas e científicas a respeito do funcionamento da máquina espacial e o seu entusiasmo de estar subindo aos céus. Antes de chegar ao mundo do Sol, ele aterrissa em um planeta desconhecido, onde relata suas sensações ao estar mais perto do calor do astro solar, que ao contrário do que se possa imaginar, conforme ele se aproxima da luminosidade, não se queima com o calor emanado pela estrela, mas se sente inflamado e revigorado a seguir viagem. E enfim, a terceira parte se concentra na chegada do viajante ao mundo solar, com a descrição da sociedade e dos habitantes que lá encontra. Já de imediato, o narrador comunica que lá os solares andam de ponta cabeça, vivem cerca de oito mil anos e só morrem de morte natural. Seus habitantes são de diversas naturezas e metamorfoseiam-se, ora estão em formato de uma árvore ora são pequenos homenzinhos, além disso, os seres que comandam o Sol são as aves e elas detestam os seres humanos. O Sol também é o destino *post-mortem* dos filósofos mortos oriundos dos mundos da Lua e da Terra, sendo os únicos seres bem-vindos lá. Inclusive, será no astro luminoso que o viajante encontra o filósofo Tommaso Campanella (1568-1639), famoso pela obra utópica *A Cidade do Sol* (1602).

A partir da descrição das obras, fica evidente que o autor alia ciência e ficção. A proposta da construção de máquinas espaciais pelo viajante ou de mundos habitados na Lua e no Sol, com referências, logo no início da narrativa da *Viagem à Lua*, aos astrônomos

modernos como Copérnico e Kepler, conferem exemplos da ideia científica.⁵ E os aspectos fantásticos e imaginativos podem ser exemplificados, quando da viagem espacial, o viajante descreve os sentimentos que o empreendimento lhe geravam, assim como o que encontra naqueles mundos, descrevendo a aparência física dos habitantes e as características da sociedade lunar e solar. Os aspectos destacados anteriormente são breves exemplos que conferem a presença da ciência e da ficção nas viagens, além de denotarem credibilidade as obras, ao mesmo tempo, que transparecem o contexto em que elas estavam inseridas.

A proposta da realização da viagem e visita aos mundos da Lua e do Sol, por meio da construção de máquinas e da capacidade delas levarem o viajante até o espaço, são questões que na época em que Cyrano de Bergerac escrevia seria impossível de se realizar, mas que demonstram que o autor estava refletindo a respeito das ideias científicas que circulavam naquele momento – como a possibilidade da existência de outros mundos, a visualização dos céus por meio dos telescópios, a origem da terra e a complexidade do universo. Além disso, é importante lembrar e de acordo com Paolo Rossi, que a questão da diversidade dos mundos e de sua eventual habitação são assuntos que também remontam aos antigos filósofos como Xenofonte, Pitágoras, Plutarco, Demócrito, Epicuro e Luciano (ROSSI, 1992). Seguindo essa ideia, Cyrano de Bergerac não seria a única expressão dessas ideias e, certamente, obteve contato ou influências de outras ficções com a temática de viagens extraterrestres como as dos seguintes autores modernos: o já citado Tommaso Campanella, John Wilkins, Johannes Kepler, Francis Godwin.⁶ Além dos autores modernos, ainda é possível reconhecer as influências do autor antigo Luciano de Samosáta, precisamente a partir da obra *Das Narrativas Verdadeiras*.

Os mundos da Lua e do Sol de Cyrano de Bergerac são constituídos a partir dos átomos que estão imersos em um infinito constante, o que torna ainda mais interessante as suas narrativas. O autor se utiliza da teoria dos átomos, pensamento que é encontrado nos autores já citados como Demócrito, Epicuro e Lucrécio. No caso dos dois últimos, eles eram lidos através das obras e ideias do físico Pierre Gassendi (1592-1655), que certamente influenciou Cyrano. Esses aspectos sugerem a origem libertina de Cyrano de Bergerac, já que os libertinos do século XVII, instigados pelo ceticismo, irão questionar a religião, os costumes

⁵ Dentre as obras conhecidas por esses autores destaco *De revolutionibus orbium coelestium* (1543) de Copérnico e *Somnium seu opus posthumum de astronomia lunari* (1634) de Kepler.

⁶ *Das narrativas verdadeiras* de Luciano de Samosáta. *Somnium* de Wilkins, *The Man in the Moone* de Godwin.

e a política de sua época. O significado atribuído ao termo libertino naquele século aparece ao lado da definição de ateus e judeus, ou seja, eram indivíduos vistos e associados a uma imoralidade e a uma irreligiosidade. O que se sabe a respeito da ação literária dos libertinos durante os séculos XVI e XVII, é que eles não eram um grupo homogêneo e bem articulado, mas muitos se mantinham em segredo, devido as suas possíveis crenças ateias (MINOIS, 2014: 212). O que quero dizer, é que Cyrano de Bergerac possivelmente foi um descrente e essa informação revela o que ele prioriza ou escolhe criticar em suas obras. Apesar dessa informação, o que os libertinos estavam interessados, era numa liberdade de pensamento que podiam ser expressas através da literatura ou em suas reuniões eruditas (NOVAES, 1996: 165). O que se observa nas fontes aqui analisadas é que elas demonstram uma conflagração de ideias e possíveis tradições literárias, que podem ser advindas do núcleo libertino frequentado por Cyrano de Bergerac e do contexto em que ele estava inserido. Além disso, cabe dizer que não se podem negligenciar as inquietações próprias do autor que, muito provavelmente, influenciaram a maneira como construiu as suas narrativas.

O aspecto crítico reconhecido nas obras, decorrentes do estilo libertino do autor, se somam as questões suscitados pelo gênero utópico. Às utopias, essas projeções e idealizações de sociedades melhores que aquelas do presente e voltadas para o futuro, abrigam justamente o aspecto contestador que identificamos nas obras de Cyrano de Bergerac (MINOIS, 2016: 478). O viés utópico identificado nas obras, também corresponde ao contexto que o autor viveu, pois a utopia é um gênero abundante no momento, assim como as narrativas de viagens, onde uma pode servir de inspiração para a outra. Para Minois, a abundância dessas obras no período pode revelar “um desejo de fuga diante do absolutismo do Estado” (MINOIS, 2014: 266). Esse aspecto, relacionado às viagens aqui analisadas demonstra que elas seguem nessa direção, de contestarem à sociedade do presente em relação à política e a religião. Outro aspecto que movimenta a literatura utópica seria a necessidade de evasão da realidade ou da busca pela felicidade, que poderia estar localizada em um belo lugar no futuro (MINOIS, 2011) como no paraíso terrestre que é encontrado na Lua, onde no jardim das delícias se abriga a fonte da juventude ou como no mundo do Sol, onde as suas belezas naturais e as árvores frutíferas sustentariam a alma e o espírito feliz de quem lá estivesse. Os elementos utópicos da obra, também corroboram para a crítica que o autor quer enfatizar, justamente por permitir tratar de assuntos sérios de forma fantasiosa ou cômica.

O que Cyrano de Bergerac faz é dar uma nova interpretação ou uma interpretação propriamente científica das Sagradas Escrituras, aí a ciência aparece revestida de ficção (BRANDÃO, 2007: 210). O que quero dizer com isso, é que o autor se utiliza dos aspectos ficcionais nas obras para tratar de temas científicos que estavam em debates no século XVII. Essa constatação se relaciona com o que se sabe sobre as publicações póstumas das obras, de que elas sofreram alterações e até mesmo supressões de certos trechos, no momento em que os manuscritos transformaram-se em livros impressos. De acordo com Chartier, os manuscritos e a sua circulação ainda eram recorrentes em relação aos textos impressos no século XVII (CHARTIER, 2007). No caso de Cyrano, os seus manuscritos transitaram pelos círculos dos libertinos antes mesmo de serem impressos, e estando nesse formato puderam contar com a menor imposição da censura. Nas publicações póstumas, é onde se identificam os sintomas do controle e da censura. No caso da primeira edição da *Viagem à Lua*, ela sofreu supressões e mudanças em seu conteúdo. Certamente, o responsável pela publicação e a omissão foi Le Bret, onde modificou o título de *O outro mundo, ou Os estados e impérios da Lua e do Sol* para *História Cômica dos Estados e impérios da Lua e do Sol*, omitiu o trecho em que o viajante descreve o Paraíso terrestre, as partes da explicação do porque os jovens deveriam comandar os mais velhos, os trechos que contém a crítica de Cyrano de Bergerac a ideia religiosa de que a virgindade e a abstinência sexual seriam uma virtude e cortou as passagens referentes ao diálogo entre o viajante e o governador da Nova França sobre a constituição do mundo. Na publicação impressa da obra a *Viagem ao Sol*, o seu final parece ter sofrido com uma narração inventada, já que através dos exemplares conservados da primeira edição de 1662, é possível verificar incongruências e um corte abrupto no fim da narrativa.

A questão que fica diante das modificações que foram feitas é o caráter contestatório das obras, já que Cyrano de Bergerac quando elege sociedades no mundo da Lua e do Sol que são contrárias, mas ao mesmo tempo servem de espelho à realidade da sociedade francesa do século XVII. O avesso, onde as características daqueles outros mundos são diferentes dos costumes terráqueos, o autor faz uma denuncia dos problemas que o afligem no presente e na estrutura do corpo social francês, referentes ao Estado e a Igreja. O que seu amigo Le Bret fez, foi tentar minimizar os impactos gerados pela obra e uma possível perseguição ao editor do livro impresso. Ainda é possível verificar uma irreverência do autor em relação às

instituições da sua época, exemplos desse aspecto podem ser encontrados, nos diálogos travados nas obras entre o viajante e os habitantes daqueles mundos, com temáticas que tratam da biologia, falam da composição e da natureza do corpo dos indivíduos – que seria formado de átomos –, sobre o propósito da existência dos seres vivos e da concepção de morte deles.

Os temas que pareceram assombrar e, ao mesmo tempo, deslumbrar os autores daquela época, como é o caso das viagens de Cyrano de Bergerac, são os debates a respeito da possibilidade do mundo infinito e do universo sem limites, essa perspectiva irá ocasionar e impactar, naquele século, uma possível reavaliação do que aquela sociedade entendia a respeito das origens do mundo, assim como o declínio na crença do antropocentrismo como atesta (ROSSI, 2001). Os aspectos que denotam essa crítica evidenciada por Rossi, são reconhecidos na *Viagem à Lua* e na *Viagem ao Sol*, pois elas tratam de temas como da constituição do universo, dos núcleos da Terra ou dos mundos da Lua e do Sol e até mesmo sobre as suas formações, a localização e o comportamento dos planetas.

Em relação à política, Cyrano de Bergerac descreve para os mundos da Lua e do Sol um Estado com viés autoritário, que julga a natureza dos estrangeiros ou do diferente como inferiores. A descrição do viajante é sintomática nesse sentido, pois ao longo da trama das duas viagens, ele passa pelo julgamento nos tribunais a respeito de qual seria a sua natureza e se ela seria possuidor da razão, já que era um estrangeiro e terráqueo. Na Lua, depois de muitas idas e vindas do viajante para o tribunal ele vai ser considerado um ser humano, mas para isso ele vai ter que passar por cerca de quatro julgamentos, além de ser enclausurado em gaiolas, pois antes de tudo foi considerado um animal. E no Sol, eram as aves que julgavam a natureza do viajante, pois elas possuem aversão aos seres humanos e os consideram seres ambiciosos e gananciosos, assim como no mundo da Lua, no final dos julgamentos ele consegue provar que seria um ser dotado de razão.

Diante do analisado aqui e em busca de uma conclusão, a *Viagem à Lua* e a *Viagem ao Sol* de Cyrano de Bergerac, se inscrevem em uma crítica a sociedade francesa do século XVII, isso quer dizer, que as obras revelam a necessidade de escape daqueles sujeitos tidos, naquela época, como descrentes, o caso dos libertinos. Além da crítica à sociedade proveniente do autor, as obras talvez expressem uma tentativa de ele demonstrar apenas algumas de suas inquietações perante o seu tempo e diante dos diversos debates a respeito do universo. Assim

como os outros indivíduos daquela época, os libertinos viam a necessidade de se questionar ou contestar por uma liberdade de pensamento em meio a um Estado centralizador e uma Igreja vigilante. Além disso, a literatura, ou o caso específico de Cyrano de Bergerac, analisado aqui, sugeriram os anseios íntimos, de se imaginar e de pensar a própria realidade dos indivíduos da Primeira Modernidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANDÃO, Jacyntho Lins. Posfácio Cyrano de Bergerac e a Tradição Luciânica. In: CYRANO DE BERGERAC, Savinien de. *Viagem à Lua*. Tradução Fulvia M. L. Moretto. São Paulo: Globo, 2007.

CHARTIER, Roger. *Inscriver e apagar: cultura escrita e literatura, séculos XI-XVIII*. Tradução Luzmara Curcino Ferreira. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

CYRANO DE BERGERAC, Savinien de, LE BRET, Henry. *Histoire comique: contenant les états et empires de la Lune* par M. Cyrano de Bergerac. Paris: Éditeur Charles de Sercy, 1657. <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k101934s/f1.image>> Acesso em 08/08/2017.

CYRANO DE BERGERAC, Savinien de. *Les nouvelles oeuvres de Monsieur de Cyrano de Bergerac: contenant l'histoire comique des estats & empires du Soleil*. Paris: Chez Charles de Sercy, 1662. <<https://archive.org/details/lesnouvellesoeuv00cyra>> Acesso em 08/08/2017.

CYRANO DE BERGERAC, Savinien de. *Histoire comique des états et empires de la Lune et du Soleil*. Paris: Adolphe Delahays, Libraire-Éditeur, 1858. <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k54896839/f6.item.zoom>> Acesso em 08/08/2017.

CYRANO DE BERGERAC, Savinien de. *Histoire comique des étates et empires de la Lune et du Soleil*. Paris: Libraire CH. Delagrave, 1886. <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k54896839/f6.item.zoom>> Acesso em 08/08/2017.

CYRANO DE BERGERAC, Savinien de. *Viagem aos Impérios do Sol e da Lua*. Tradução José Maria Machado. São Paulo: Edição Clube do Livro, 1955.

CYRANO DE BERGERAC, Savinien de. *Viagem à Lua*. Tradução Fulvia M. L. Moretto. São Paulo: Globo, 2007.

DELUMEAU, Jean. *O pecado e o medo: a culpabilização no ocidente (séculos 13 e 18)*. Tradução de Álvaro Lorencini. Bauru: EDUSC, 2003, vol. 1 e 2.

MINOIS, Georges. *A idade de ouro: história da busca da felicidade*. Tradução Christiane Fonseca Gradvohl Colas. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

MINOIS, Georges. *História do ateísmo: os descrentes no mundo ocidental, das origens aos nossos dias*. Tradução Flávia Nascimento Falleiros. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

MINOIS, Georges. *História do Futuro: dos profetas à prospectiva*. Tradução Mariana Echalar. São Paulo: Editora Unesp, 2016.

MUCHEMBLED, Robert. *Uma história da violência: do fim da Idade Média aos nossos dias*. Tradução Abner Chiquieri. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

NOVAES, Adauto (org.) *Libertinos libertários*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

ROSSI, Paolo. *A ciência e a filosofia dos modernos: aspectos da Revolução Científica*. Tradução Álvaro Lorencini. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

ROSSI, Paolo. *O nascimento da ciência moderna na Europa*. Tradução Antonio Angonese. Bauru, SP: EDUSC, 2001.